

**A amizade como forma de “cuidado com o mundo” na trajetória de
Nilce Cardoso e Delsy Gonçalves de Paula**

Friendship as a way of “caring for the world” in the trajectory of Nilce
Cardoso and Delsy Gonçalves de Paula

Susel Oliveira da Rosa

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO:

Nilce Azevedo Cardoso foi uma militante que viveu a clandestinidade, a prisão e a tortura durante a ditadura militar. Narra os horrores de sua experiência e afirma que “valeu a pena” lutar pra derrubar o regime de exceção vivido no país. Passados mais de trinta anos, diz que o que a manteve em combate, mesmo após a destruição de seu corpo-testemunha, foi a amizade. “O que faz com que nessas guerras absurdas, grotescas, nesses massacres infernais, que as pessoas, apesar de tudo, tenham se sustentado? Sem dúvida, um tecido afetivo” – afirma Michel Foucault referindo-se à amizade. Amizade que, para Hannah Arendt, está ligada à noção de “cuidado com o mundo”, entendido como compromisso com o mundo. Amizade e “cuidado com o mundo” que foram fundamentais na trajetória de Nilce Cardoso e Delsy Gonçalves de Paula. Delsy, também militante na época, foi uma das dirigentes da greve de Contagem em Minas Gerais, igualmente perseguida pela repressão e submetida aos horrores das salas de tortura.

Palavras-chave: amizade; cuidado com o mundo; ditadura militar.

ABSTRACT:

Nilce Azevedo Cardoso was a militant that lived the clandestinity, the imprisonment and the torture in the course of Brazil dictatorship military. She tells the horrors of her experience and says "it was worthy" to fight to overthrow the exception regime lived in the country. After more than thirty years she says that what kept her in combat, even after the destruction of her body-witness, was the friendship. "What makes that, in these absurd and grotesque wars, in this infernal massacres, that people, though, have sustained themselves? Undoubtedly, an affective tissue" – says Foucault referring to friendship. Friendship that, according to Hannah Arendt, is connected to the notion of “care with the world”, understood as an engagement with the world. Friendship and “care with the world” were fundamental in the trajectory of Nilce Cardoso and Delsy Gonçalves de Paula. Delsy, also a militant at the time, was among the leaders in the

strike of Contagem in Minas Gerais, also hunted by the repression and subjected to the horrors of rooms of torture.

Key-words: friendly; care with the world; military dictatorship.

Em um pequeno texto traduzido como “A imanência absoluta”, Giorgio Agamben (2000) chama de “coincidência singular” o fato de que os últimos textos publicados, tanto de Michel Foucault quanto de Gilles Deleuze, versem sobre o conceito de “vida”. Para Agamben, trata-se de um legado testamentário a inspirar o que ele tem denominado “filosofia que vem”. Se Foucault constatou que a política tomou a vida a seus cuidados, ele não deixou de lembrar que essa mesma vida escapa aos mecanismos que intentam controlá-la. Escapa continuamente e está em todos os lugares, como diz Deleuze, não tem propriamente momentos, mas apenas entre-tempos, entre-movimentos, nos quais pode ser pensada como singularidade, potência, beatitude. Em busca desses “entre-tempos” que afirmam a vida e subvertem a estrutura biopolítica contemporânea, venho escrevendo sobre a trajetória de Nilce Azevedo Cardoso.

Nilce Azevedo Cardoso viveu no interior paulista até 1964, ano do golpe militar, quando mudou-se para a cidade de São Paulo com o objetivo de cursar a faculdade de Física na USP. Moradora do CRUSP (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo), passou a fazer parte da JUC (Juventude Universitária Católica), participando de vários movimentos contestatórios em meio à efervescência política e ao embate contra a ditadura na época. Concluída a faculdade, no final de 1967, ela ingressou na AP (Ação Popular). Convicta de que deveria continuar na luta política e querendo conhecer mais de perto as “classes trabalhadoras”, no ano de 1968 foi trabalhar na região do ABC paulista, numa fábrica da Rhodia, na cidade de Santo André. Perseguida pela repressão, entrou na clandestinidade e mudou-se para Porto Alegre, onde foi presa em abril de 1972.

A violência brutal dos policiais começou no momento da prisão: “socos e pontapés por toda parte”. Chegando ao DOPS/RS (Departamento de Ordem Social e Política do Rio Grande do Sul)¹, a primeira ordem foi para que tirasse a roupa. A isso se seguiram os choques e a destruição física de seu corpo-testemunha². Um mês depois foi transferida para a OBAN (Operação Bandeirantes)³, em São Paulo. A tortura tatuou-se para sempre. Liberada alguns meses depois, após longas sessões de “interrogatório” no DOPS e OBAN, saiu irreconhecível: passou por um coma, teve o osso do tórax

quebrado, perdeu aproximadamente quinze quilos – seu corpo-testemunha ultrapassou os limites da dor. No entanto, mesmo com a tortura gravada em seu corpo, Nilce transcendeu a redução à vida nua, inventou possíveis em meio ao improfanável mundo contemporâneo.

Mas como enfrentar toda a perversidade dessa exposição ao fora e se manter à altura do acontecimento?

A rede de afetos que envolvia Nilce antes, durante e após a prisão foi fundamental, em sua percepção, para permitir que ela estivesse à altura do acontecimento, transmutando a impossibilidade em multiplicidade. Rede acessível ao olhar feminino, “atento aos detalhes, aos microcosmos, aos pequenos acontecimentos cotidianos [...], aberto à captura das expressões, dos afetos e desejos”, como compreende Margareth Rago (2001:20). Olhar que foi fundamental nesse momento, tecendo afetos afirmativos e alegres, como o encontro com Delsy Gonçalves de Paula, que expandiu as possibilidades limitadas da vida exposta aos afetos tristes, perversos e imobilizadores oferecidos pela repressão.

“Uma vida...”: a redistribuição dos afetos através da amizade

A vida, para Deleuze, não é natureza, mas sim o “campo de imanência variável do desejo” (AGAMBEN, 2000:187), local de sucessivos encontros e efeitos. Efeitos que nada mais são que vestígios de um corpo sobre o outro (DELEUZE, 1997:156). Nosso corpo não cansa de ser afetado pelos encontros sucessivos com outros corpos. Encontros que produzem prazer, dor, alegria, tristeza. Encontros que geram efeitos e são, também, durações, “passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro” (ibidem:157). Os encontros que nos dão alegria são aqueles que aumentam a nossa potência – as “potências aumentativas” –, enquanto os geradores de tristeza – as “servidões diminutivas” – a diminuem⁴. A seleção desses afetos nos impulsiona à ação, pois

não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz a consciência (DELEUZE, 1998:75).

No entanto, “cada vez que um corpo convém com o nosso, e aumenta nossa potência (alegria), uma noção comum aos dois corpos pode ser formada, de onde decorrerão uma ordem e um encadeamento ativos das afecções” (DELEUZE, 1997:169). Se a perversidade dos torturadores gerou encontros que minavam a potência de Nilce, produzindo dor e impotência, ela encontrou alegria e acolhimento na troca com outros presos políticos com os quais dividia o espaço do DOPS/RS.

Transcendeu a redução à vida nua⁵, potencializando a vida através dos afetos, encontrando a imanência⁶, “uma vida...”⁷ na variação e duração dos efeitos de seus encontros com os amigos. “O que faz com que nessas guerras absurdas, grotescas, nesses massacres infernais, que as pessoas, apesar de tudo, tenham se sustentado? Sem dúvida, um tecido afetivo” – afirma Foucault (1994:163-7). Tecido afetivo enfatizado por Nilce, desde nossa primeira conversa, ao sublinhar a importância da amizade nos dias em que esteve presa: “eles foram um suporte afetivo, não só um suporte político, nessa colcha de retalhos que virou a minha vida... de me alcançar um docinho, de limpar a cela como fazia o Sobrosa, de cuidados...”⁸.

A relevância política da amizade foi ressaltada em diferentes momentos da tradição filosófica ocidental. Contudo, a amizade considerada ideal era a amizade entre homens, tanto que a idéia de incapacidade da mulher para a amizade percorre os textos de Platão, Aristóteles, Cícero, Montaigne, Michelet, Kant, Hegel e muitos outros. A fragilidade conferida às mulheres por esses autores afasta-as da nobreza que eles supunham existir na verdadeira amizade. Para Aristóteles (1991), por exemplo, propensas a lamentações e a relações que derivam de situações aflitivas e de tristeza, as mulheres se afastam da verdadeira amizade. Já Montaigne, no século XVI, ao lembrar que todas as escolas filosóficas da antiguidade consideravam ser impossível a amizade entre mulheres, afirmava que as mulheres “não estavam em condições de participar das conversas e trocas de idéias” necessárias à amizade. Faltava à “alma feminina” o vigor “para sustentar o abraço apertado desse sentimento de duração ilimitada” que une tão fortemente os homens entre si (MONTAIGNE, 1996:180-1).

Marilda Ionta (2004) sustenta que essas idéias, atualizadas no imaginário social ocidental, associam a amizade às questões de gênero, difundindo concepções que tomam a amizade como uma prática masculina, consideram as mulheres incapazes de um sentimento amistoso, já que elas só pensam em amor. Concepções como essas

estabelecem regimes de verdade que se naturalizam em nosso imaginário, reafirmando estereótipos vinculados às noções de masculinidade e feminilidade:

de um lado, tornou-se comum idealizar a capacidade dos homens para a lealdade, a dedicação e, de outro, a de desvalorizar a amizade entre mulheres, na medida em que se divulga a idéia de que as mulheres quando jovens rivalizam entre si para atrair a atenção masculina, e quando são casadas, dedicam-se às suas famílias, sendo absorvidas na cotidianidade da vida doméstica (IONTA, 2004:10-11).

Percebemos assim a permanência e atualização de uma dupla exclusão das mulheres dos discursos canônicos sobre a amizade – amizade entre mulheres e entre homens e mulheres. Exclusão que Derrida problematiza, lembrando-nos que se o amigo é um outro eu – como definiu Aristóteles –, reconhecer as amizades femininas significa incluí-las na ordem da igualdade, do governo e do comando. Logo, tal exclusão reafirma a preponderância masculina e patriarcal, assegurando ao homem o espaço público e à mulher o espaço doméstico e, em conjunto com o dispositivo da sexualidade, faz parte das estratégias biopolíticas. Reconhecer a capacidade das mulheres para a amizade seria uma das maneiras de minar as bases do edifício falocêntrico de nossa cultura e suas propostas de gestão das populações (DERRIDA, 2003). Assim, podemos entender por que Foucault assinalou que, após haver estudado a história da sexualidade, se deveria tentar compreender a história da amizade ou amizades. Amizade que, para o filósofo, “nada mais é do que uma das formas em que se dá ao cuidado de si” (FOUCAULT, 2006:239).

Encontrar, na amizade, a possibilidade de cuidar de si e do mundo parece-me ter sido exatamente o empreendimento de Nilce Cardoso em sua trajetória, desde que entrou no curso de física da USP. Desde então, seus depoimentos são repletos de referências à amizade, às trocas afetivas interligadas aos movimentos políticos. Encontrar pessoas “cuidadoras” foi fundamental para permanecer em combate, para “transpor a linha de força, ultrapassar o poder” e enfrentar a exposição ao fora.

O cuidado com o mundo

Nesse enfrentamento, o encontro com Delsy Gonçalves de Paula foi uma das potências aumentativas que permitiram a Nilce suportar os dias em que esteve no DOPS/RS e OBAN. Delsy – também “Vera Lúcia, Ruth, Amélia” – era, como Nilce, militante da Ação Popular. Cursou Filosofia e Ciências Sociais na UFMG

(Universidade Federal de Minas Gerais), em Belo Horizonte, e passou a fazer parte da AP no ano de 1966, vinda da Juventude Estudantil Católica (JEC). Apesar de ter participado de todas as manifestações estudantis e organizar greves na época da faculdade, conta que por acreditar na necessidade de fazer a “revolução brasileira”, julgou mais importante o trabalho junto à população excluída da participação no movimento estudantil. Passou, então, a alfabetizar e politizar jovens e adultos em favelas - em 1967 dava aulas de português numa escola municipal da cidade industrial de Contagem (MG). Ali, mais de 90% dos alunos eram operários. “Foi um trabalho maravilhoso. (...) Atingia quase todas as fábricas da Cidade Industrial”⁹ – relata Delsy.

Delsy ajudou a retomar o movimento operário e o sindicato em Contagem e participou ativamente da greve de abril de 1968. Greve que se espalhou pelas indústrias da cidade e foi vitoriosa, apesar da interferência do Ministro Jarbas Passarinho e dos militares, acabando por inspirar outras greves (como a de Osasco) e estender o aumento salarial adquirido aos demais operários do país. Em outubro do mesmo ano, Delsy participou da organização de uma nova greve em Contagem. Contudo, dessa vez, o movimento foi reprimido violentamente. Apesar disso, ela permaneceu entre Contagem e Belo Horizonte, organizando a movimentação política para o 1º de maio de 1969. Nessas alturas, o AI-5 (Ato Institucional de número 5)¹⁰ já estava em pleno vigor, intensificando a repressão, a tortura e os assassinatos de militantes. Em meados de junho do mesmo ano, Delsy foi presa. Como não falou o que os torturadores desejavam ouvir – permaneceu, como Nilce, em silêncio –, além da pancadaria e das torturas, ela foi mantida em uma “solitária” (cela minúscula e sem janelas, na qual o prisioneiro permanece totalmente isolado) de um quartel militar por quarenta e cinco dias. Depois disso foi transferida para o Presídio de Linhares (próximo à cidade de Juiz de Fora/MG), onde permaneceu até junho de 1970. Após um ano à disposição da repressão, Delsy foi liberada, já que seu processo não havia entrado na Auditoria Militar – o que veio a acontecer uma semana após sua liberação. Com isso, Delsy teve a prisão decretada. Precisou sair rápido de Minas Gerais, dirigindo-se para São Paulo: “quando saí da cadeia, em Linhares, próximo a Juiz de Fora, estava muito alquebrada. Tinha tido febre tifóide (em Linhares), os militares não permitiram que fosse feito exame para sua constatação. O médico que atendia no presídio retirou sangue e fez escondivo e burlando a vigilância levou para um laboratório que constatou a febre. Medicou-me então. Eu não tinha tido como me tratar das fragilidades logo que saí, fiquei apenas uma

semana, mais ou menos em casa de minha família. Quando cheguei em S.P., a AP decidiu me mandar para Botucatu, onde fiquei por um mês”¹¹.

Em São Paulo, Delsy foi a um cartório e conseguiu registrar-se com outro nome – Vera Lúcia Gomes – e depois seguiu para Curitiba. O novo “nascimento” lhe permitiu despistar a repressão por algum tempo.

Em Curitiba, Delsy continuou envolvida nos movimentos políticos, junto ao Centro dos Operários da cidade. Lá conheceu “Marlene”, Yurico Tatamiya, que também era “Luzia”. Com a prisão de muitos militantes em Curitiba, Delsy e Yuri decidiram sair da cidade. Voltaram para São Paulo em outubro de 1971. Permaneceram lá até janeiro de 1972, trabalhando em vários lugares para juntar dinheiro que possibilitasse pagar aluguel de quartos e pensões onde dormiam. De São Paulo seguiram para Porto Alegre: deveriam comparecer a um ponto determinado, no qual encontrariam alguém para recebê-las. “Nunca havia andado pelo sul. Estava encantada com a paisagem, principalmente com as araucárias. Fazia um calor terrível em Porto Alegre, cidade que logo na chegada me lembrara Belo Horizonte. Encontramos, no ponto acertado, com a Nilce e fomos procurar quarto para alugar”¹². Como Delsy continuava com a saúde muito precária, Nilce ajudou-a a procurar tratamento nos hospitais da cidade e conta que não sabia ser Delsy a famosa dirigente de Minas, conhecida por sua história e liderança em movimentos grevistas, como o de Contagem. Percebeu sua fragilidade física, entendeu que ela deveria ter saído da prisão recentemente, mas não fez perguntas. Os codinomes e as poucas informações que eram passadas preservavam a segurança dos militantes. Porém reconheceu Yurico Tatamiya, já que haviam estudado na USP na mesma época. Nilce ajudou Delsy e Yuri na busca de uma pensão para hospedá-las. O contato entre elas intensificou-se desde então, principalmente entre Delsy e Nilce: “a nossa ligação foi muito boa, porque ela morava com a Yuri e eu ia na casa delas, a gente fazia almoços, discussões políticas. Não me lembro quando é que ela veio, mas foram intensos os dias”¹³.

A potência aumentativa de um encontro que produzia alegria permitia a ambas visualizarem possibilidades de vida, de cuidado de si e do mundo em meio à perseguição política, da qual eram alvo nesse momento. Delsy lembra que os encontros tornaram-se semanais: “de janeiro a abril nos encontramos toda semana [...] às vezes almoçávamos juntas [...] Me estimulou a ir à praia do Guaíba me orientando como

chegar à praia de Ipanema. Eu adorava me bronzear. Algumas vezes fomos juntas fazendo um bom piquenique”¹⁴.

“Por muito que as coisas do mundo nos afetem, por muito profundamente que nos abalem e estimulem, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos semelhantes” – diz Hannah Arendt (1991:36), ao retomar o valor político da amizade, aliada à noção de cuidado com o mundo. Mundo que Arendt não entendia, simplesmente, como as pessoas que o habitavam, mas sim como o “espaço-entre”: “o mundo está entre as pessoas (...) muito mais do que os homens, ou o homem, ao contrário do que muitas vezes se pensa” (ibidem:12-3). Esse “espaço-entre”, esse cuidado com o mundo era muito valorizado por Nilce e Delsy. Elas não só estavam no mundo, como aceitavam um compromisso em relação a ele e isso aproximava-as, intensificando os dias.

Ao aceitar o compromisso com o mundo, torna-se contingente refletir sobre o que estamos fazendo de nós mesmos, problematizar nossas práticas, localizando-nos no “entre-tempo” das coisas que não são mais e daquelas que virão a ser. A intensidade dos dias, num momento político no qual muitos militantes estavam sendo assassinados ou enfrentavam os cárceres da repressão política, exigia de Nilce e Delsy o questionamento constante de si e de suas práticas. Esse exercício era propiciado pelo diálogo, o intercâmbio, que manifesta a importância política da amizade: “esta conversação (por oposição à conversa íntima em que os indivíduos falam sobre si próprios), por muito impregnada que possa estar do prazer na presença do amigo, diz respeito ao mundo comum” (ARENDR, 1991:34-5). Para Arendt, por mais que as coisas nos afetem, elas só se tornam “humanas” quando podemos discuti-las com outras pessoas, “só falando daquilo que se passa no mundo e em nós próprios é que o humanizamos” (ibidem). A afirmação da filósofa inspira-se no conceito grego de amizade, que incluía o desejo de partilhar o mundo com os outros homens. Desejo de partilhar o mundo e de questionar suas práticas que percebemos nas reflexões que Delsy dividia com Nilce e Yuri, ao chegar em Porto Alegre: “Nesse momento eu já não via mais como desenvolver trabalho político por causa da repressão intensa e do despreparo/imaturidade da AP e nossa. Eu já fugira de MG, do PR e no RS, considerava não seria deferente. Pensei mesmo em sair. Essa era, sem dúvida uma possibilidade. Mas havia uma outra idéia que era a de conseguir outra identidade e viver em Porto Alegre como qualquer pessoa, criar

raízes e não ter pressa nem desejos políticos imediatistas. Pensar a longo prazo. Isso discutíamos com a Nilce e a Yuri”¹⁵.

Para Delsy, que já estava com a prisão decretada e era procurada pela repressão, “pensar mesmo em sair” incluía a possibilidade de fugir do Brasil, através dos países vizinhos ao Rio Grande do Sul, já que o tipo de ação política na qual estavam envolvidas tornara-se inviável. Assim, as três refletiam sobre as possibilidades de vida que criavam para si mesmas.

Nesse sentido, Deleuze instiga-nos: “que possibilidades de vida ou processos de subjetivação criamos para nós mesmos, somos capazes de constituir um ‘si’ para além do saber e do poder? Será que somos capazes disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que aí estão em jogo?” (2006:124). Com a vida e a morte em jogo, imersas num momento político no qual a exceção tornara-se regra, creio que Delsy e Nilce pensavam, não tanto, ou não ainda, em um “si” para além do saber e do poder, mas nas possibilidades que poderiam criar naquele momento, mantendo-se empenhadas com o mundo – acreditando, como Deleuze, que o mundo é uma problemática que vale a pena ser cuidada.

Aceitar o compromisso com o mundo não significa se sentir bem nele, mas inquietar-se com o mundo, empreender um combate, uma dobra, furtando-se continuamente aos mecanismos de poder que investem sobre a vida. Inquietação que as manteve à altura do acontecimento, mesmo frente a episódios-limite, como o vivido por Nilce e Delsy no ritual de “acareação” enfrentado por ambas no DOPS/RS.

A prisão de Delsy e o novo “duelo” enfrentado por Nilce

Nilce foi presa pelos policiais do DOPS/RS no dia 11 de abril de 1972. No dia seguinte, uma quarta-feira, havia combinado de ir à pensão onde Delsy morava. Como ela não apareceu, Delsy e Yuri deveriam seguir uma combinação definida pela própria Nilce previamente: “se algum dia não comparecesse em nossos encontros habituais, deveríamos esperá-la no horário X e se não viesse, deveríamos encontrá-la em um ponto de uma praça próximo a nossa casa; caso não a encontrássemos, ela estaria presa. Tínhamos então que tomar nossas providências de fuga”¹⁶. Como não se encontrou Nilce em nenhum desses locais, era o momento de fugir. Contudo, após um desentendimento com Yuri sobre o que fazer, Delsy dirigiu-se ao ponto antigo (onde

conhecera Nilce), a essas alturas cercado pelos policiais: “Fazia frio em POA, me agasalhei e fui ao ponto. Não deu outra. Embora não tenha entrado no ponto, fiquei dando voltas no quarteirão, fui reconhecida por um companheiro que chegava em POA.. Quando entrei em um bar pra tomar um café, ele me abordou. Era o que os policiais precisavam para a prisão; imaginaram que eu era o contato”¹⁷.

No DOPS/RS, Delsy encontrou o comandante do CENIMAR (Centro de Informações da Marinha)¹⁸ que a havia torturado em Minas. Era um dos responsáveis pela repressão aos integrantes da Ação Popular. Nilce diz que não agüentaria nenhum choque naquele momento, não tinha condições físicas – “a tortura marca-se, grava-se, tatua-se para sempre no sujeito”. Tortura que havia sido gravada anteriormente, no ano em que ela fora mantida presa em Belo Horizonte. Com isso, o duelo¹⁹ não foi estabelecido imediatamente; porém tomou outra forma. Nilce não estava no DOPS quando Delsy chegou: estava no hospital, em função do coma²⁰. Quando retornou do hospital, os torturadores colocaram-nas frente-a-frente, num ritual de “acareação”. Tentaram estabelecer um jogo no qual responsabilizariam Nilce pelas eventuais torturas que Delsy sofresse, caso não falasse o que eles desejavam ouvir: “Quando eu volto do hospital ela tá lá, me colocam num lugar lá com ela e, aí, o cara me disse (...) “conhece?”. E eu disse “não”. E eu fiquei olhando pra ela, e ela também firme, muito firme. Aí ele disse “bom, vou deixar vocês duas conversando, porque eu sei que você conhece ela e você sabe que se ela for para o pau-de-arara você estará matando ela” e saiu. Você pode imaginar esse momento, o que significou na vida de nós duas? Eu olhei bem pra ela, ela também firme, essa firmeza é maravilhosa, sabe! Aí, digo “olha moça, não sei quem você é” (por causa da escuta, que a gente sabe que tem). “Eu não sei quem você é, eu só sei uma coisa: se você morrer não fui eu que te matei, mas eles”. Aí ela diz: “eu sei”. Nessa hora, eles tavam escutando certamente, eles me agarram e me levam”²¹.

Novamente Nilce subverte o jogo dos torturadores²². Mas dessa vez a dor foi intensa: o jogo perverso instituído naquele momento movimentava sentimentos de fragilização e culpa, simultaneamente, pois não era somente a sua vida que estava em jogo ali: “foi doloridíssimo, porque eu sabia, imagina, se colocam ela no pau-de-arara, ela morre mesmo”. Não colocaram, Nilce estabeleceu o silêncio de um não-dito que as preservou e aos outros militantes ou amigos que tinham contato com elas. As regras éticas que movimentavam ambas, apesar da exposição ao sofrimento, foram mantidas.

Ética embasada no *amor fati*, que nos remete ao estar à altura do acontecimento, não resignando-nos, mas “contra-efetuando” o acontecimento. Mesmo estando frente ao sofrimento, ser digno do que nos acontece, pois o amor à vida, a afirmação da vida que defendem os filósofos com os quais trabalho aqui é aquela que não teme a morte, que, como diz Deleuze, “pode dizer sim à morte”, pois

vivemos entre dois perigos: o eterno gemido de nosso corpo, que sempre encontra um corpo afiado que o corta, um corpo gordo demais que o penetra e sufoca, um corpo indigesto que o envenena, um móvel que o machuca, um micróbio que lhe faz uma brotoeja; mas também o histrionismo daqueles que minam um acontecimento puro e o transformam em fantasia, e que cantam a angústia, a finitude e a castração. É preciso conseguir ‘erigir entre os homens e as obras seu ser de antes da amargura’. Entre os gritos da dor física e os cantos do sofrimento metafísico, como traçar seu estreito caminho estóico, que consiste em ser digno do que acontece, em extrair alguma coisa alegre e apaixonante no que acontece, um clarão, um encontro, um acontecimento, uma velocidade, um devir? ‘A meu gosto pela morte, que era fracasso da vontade, substitui uma vontade de morrer que seja a apoteose da vontade’. À minha vontade abjeta de ser amado, substituirei uma potência de amar: não uma vontade absurda de amar qualquer um, qualquer coisa, não se identificar com o universo, mas extrair o puro acontecimento que me une àqueles que amo, e que não me esperam mais do que eu a eles, já que só o acontecimento nos espera, Eventum tantum. Fazer um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo... (DELEUZE, 1998:79-80)

Nilce e Delsy souberam suscitar outros acontecimentos, pequenos e delicados, que as mantiveram à altura de todos os outros, como nos momentos em que Delsy lia para Nilce. Nilce lembra que Delsy lia para ela durante o período que dividiram a mesma cela no DOPS/RS. Delsy lembra desses momentos como uma maneira de fazer Nilce reagir e parar de pensar nos interrogatórios sucessivos, nas torturas, no extremo da tensão a que estava submetida. Durante as leituras parava repentinamente e perguntava sobre o assunto, para despertar a atenção de Nilce – “lembro-me de ler para ela ‘O Encontro Marcado’ de Fernando Sabino, mas acho que ela lembra de outro. Certamente lemos os dois e, quem sabe, até mais.”²³. Também sugeriu que Nilce deixasse de tomar os remédios que lhe eram dados no DOPS/RS – “orientei-a a receber os comprimidos e guardá-los porque, numa situação limite, talvez fossem úteis”²⁴. Se Nilce ficava arrasada com as torturas, quando voltava à cela encontrava seus “cuidadores”, como Delsy: “Eu cantava muito para ela seja músicas românticas, seja músicas mais políticas para erguer nosso ânimo. Pedimos a sua mãe que nos trouxesse roupas, maquiagem,

esmaltes etc. Sempre quando dava, ficávamos nos embelezando fazendo unhas etc. Fomos transferidos (Nilce, eu, Toninho e José Fidelis, não sei se tinha mais gente, não me lembro) para a OBAN, em S.P., onde chegamos bem bonitas. Era também um jeito de elevar nossa auto-estima, que havia sido tão esmagada, seja pelos acontecimentos que demonstravam nossas fragilidades, as quedas, seja pela ação da repressão. Por nossa aparência, não se podia imaginar que a Nilce havia passado pelo que passou”²⁵.

“Nessa hora, de onde tirar forças? Dessas coisas, dessas pequenas coisas”²⁶, diz Nilce, lembrando que a presença de Delsy foi muito importante quando foram transferidas para a OBAN, pois o efeito da medicação que havia ingerido deixava-a muito ansiosa: “E quando nós chegamos lá, ela muito firme, sempre do meu lado...nós ficamos primeiro presas num banheiro ... ‘Nós estamos num banheiro, mas nós estamos na OBAN, em São Paulo, que é outro lugar, aqui vai ser outro tipo de tortura, e outro tipo de interrogatório’ – ela dizia. ‘Vai tranqüila, estamos junto, vamos lá, vamos seguir’”²⁷.

“Pequenas coisas”, pequenos cuidados, como esse de ir localizando Nilce no espaço da OBAN. Cuidados, em nossa cultura, próprios ao feminino. Nesse sentido, Margareth Rago salienta que é perceptível a maneira pela qual a cultura feminina tem afetado nosso mundo, seja no âmbito do conhecimento, da política ou da sexualidade. Podemos falar de uma “feminização da cultura” em curso no mundo ocidental. Como nos lembra a historiadora, as mulheres acabaram desenvolvendo uma cultura ligada aos cuidados com a vida, não tendo a experiência da guerra, dos exércitos ou da polícia como os homens. Com a inclusão das mulheres nos acontecimentos políticos e sociais, a dimensão feminina dessa cultura ligada aos cuidados com a vida passou a ser percebida em vários âmbitos:

a exemplo da história da vida privada, da história das sensibilidades, das emoções, dos sentimentos, e de outras dimensões consideradas femininas em nossa cultura [...] o masculino, embora instituído culturalmente deveria deixar de ser o único padrão existente para o assim chamado ser humano [...] Na área da política, o feminismo questionou [...] os conceitos básicos que sustentam os princípios liberais, como o universalismo, a idéia de liberdade e igualdade originados a partir do contrato social, denunciando que este sempre foi constituído a partir da exclusão de muitos e que, portanto, a constituição de uma esfera pública autônoma só seria possível pela perspectiva da diferença e não da igualdade (RAGO, 2002: s/n).

Essa dimensão feminina dos cuidados com a vida – que não está ligada a este ou aquele “sexo biológico” –, de uma sensibilidade “cuidadora” compõem as narrativas de Nilce e Delsy, seja no espaço privado ou público, funcionando como potência multiplicadora de vida nos campos de exceção onde foram mantidas presas e tiveram suas vidas destituídas de toda sacralidade, podendo ser eliminadas a qualquer momento. Dimensão aberta às emoções e à diferença, como acentua Rago, que, em Nilce, extrapolou os limites da “realidade” perceptível – já que a própria “realidade” passara dos limites.

“Lógica da Sensação”

À medida que o corpo-organismo de Nilce fragilizava-se cedendo lugar ao campo de forças de um corpo-sem-órgãos, suas sensações ficavam mais intensas. Ela narra esses episódios, tentando entendê-los, pois escapam à “realidade” perceptível. Ainda no DOPS/RS conseguia sentir quando sua mãe vinha visitá-la: “Delsy, mamãe está vindo, vou me arrumar”. Na OBAN acordava no meio da noite e arrumava-se rápido: “Delsy, roupa, sapato, me ajuda, eles tão vindo me buscar”. Delsy surpreendia-se no início: “Nilce, pára, virou paranóica!”²⁸. No entanto, nunca houve engano, ela rapidamente tirava o pijama, colocava a roupa e logo os policiais chegavam. Esses episódios tornaram-se muito comuns nos dias em que esteve presa.

Ao analisar as pinturas de Bacon, no texto “A lógica da sensação”, Deleuze diz que as figuras do pintor respondem de maneira maravilhosa à questão de como tornar visíveis forças invisíveis, lembrando-nos que a “força tem uma relação estreita com a sensação: é preciso que uma força se exerça sobre um corpo, ou seja, sobre um ponto da onda, para que haja sensação” (DELEUZE, 2007:62). Nas pinturas de Bacon, a vida grita para a morte, “mas a morte não é mais esse demasiado-visível que nos faz desfalecer, ela é essa força invisível que a vida detecta, desentoca e faz ver, ao gritar. É do ponto de vista da vida que a morte é julgada” (ibidem:67). Mais uma vez Nilce afirmava a vida, mesmo detectando a possibilidade da morte, circunscrita que estava num campo de exceção.

A sensação é transmitida diretamente, evitando o tédio de uma história a ser contada. É a sensação que determina o instinto em dado momento, assim como o instinto é a passagem de uma sensação a outra (ibidem:47). Nessas passagens, busca-se uma sensação que melhor preencha a carne em determinado momento de sua contração

ou dilatação. No caso de Nilce, ela parecia buscar a melhor sensação numa situação de contração. No entanto, acessando essas sensações, ela paradoxalmente dilatava-se em plena contração. Conta que nunca ia para a sala de torturas de pijama. Aprendeu a trocar-se rapidamente, apegou-se a pequenas coisas que preservavam sua auto-estima, permitindo um sutil afrouxamento na situação de contração a que estava submetida – “acho que essas pequenas coisas também seguram a gente”²⁹.

Ainda na OBAN, Nilce lembra um episódio em que acordou Delsy no meio da noite dizendo que um pessoal da Ação Popular tinha “caído” – haviam sido presos –, estavam de branco, parecendo médicos ou enfermeiros e eram torturados ali mesmo na OBAN. Nesse dia, Nilce e outras presas dividiam um porão, numa parte embaixo do prédio: “Um dia no meio da noite eu acordei a Delsy e ela ficou doida, falou ‘Nilce, pára’. E eu falei: ‘acabou de cair um pessoal, é um pessoal nosso, eles são de AP, eu não conheço, não sei quem é, mas eu acho que eles são médicos’. ‘Por que você acha que são médicos?’. ‘Não sei, não sei, mas acho que são médicos’. ‘Nilce’. Aí eu digo, ‘não, eles estão lá em cima sendo torturados’. A gente tava no porão, numa parte mais embaixo, estávamos na cela com todas as meninas. [...] Não é doido? Aí ela pensou, ‘bom, está em pleno delírio’ [risos], só podia né, estar em pleno delírio. Aí já de manhã, abre a cela da frente e passa um cara de branco com capuz, que eles trouxeram pra vir no banheiro, uma coisa assim, na cela da frente. Ninguém acreditava (...) Delsy viu os caras, todo mundo viu e ninguém entendeu nada! Nem eu!”³⁰

Deleuze diz que a sensação é o “ser-no-mundo” – “ao mesmo tempo eu me torno na sensação e alguma coisa acontece pela sensação, um pelo outro, um no outro” (2007:42). Trata-se de um movimento no próprio lugar, já que é pela elasticidade da sensação que o movimento se explica. Deleuze mostra-nos isso, uma vez ainda, através das pinturas de Bacon: nas pinturas de touradas, por exemplo, ouvem-se os cascos dos animais – é “a ação de forças invisíveis sobre o corpo” (ibidem:49). Mas isso só é possível se a “sensação desse ou daquele domínio (aqui, a sensação visual) for diretamente capturada por uma potência vital que transborda todos os domínios e os atravessa” (ibidem:50). Essa potência é a do ritmo, que rompe com uma lógica racional ou cerebral. Na relação do ritmo com a sensação temos a “diástole-sístole”: “o mundo me pega fechando-se sobre mim, o eu que se abre para o mundo e também o abre”. Trata-se de uma unidade rítmica dos sentidos, que “só pode ser descoberta ultrapassando-se o organismo. A hipótese fenomenológica é talvez insuficiente porque

invoca somente o corpo vivido. Mas o corpo vivido é ainda pouco em relação a uma Potência mais profunda e quase insuportável” (ibidem:51). É preciso que o ritmo mergulhe no caos, na noite, para que essa unidade seja encontrada. Que encontre seu Corpo sem Órgãos (CsO), um corpo intensivo, que rompe com a organização dos órgãos enquanto organismo. Um CsO é um corpo com limiares ou níveis, aberto à sensação. Corpo vibrátil, já que a sensação é também vibração. Corpo-testemunha de Nilce em pleno delírio das formas, que através da elasticidade da sensação captava o movimento do andar de cima. Com olhos nos ouvidos, na boca, no estômago, percebia a aproximação dos policiais ou de seus afetos – os companheiros da AP, sua mãe etc.

O organismo não é a vida – diz Deleuze –, ele a aprisiona. No caso de Nilce, esse organismo já estava aprisionado, destruído. Frente a isso, ela acessou esse corpo inteiramente vivo, mas não orgânico, corpo-testemunha de uma “alta espiritualidade, pois é uma vontade espiritual que a leva para fora do orgânico em busca de forças elementares. Mas essa espiritualidade é a do corpo: o espírito é o próprio corpo, o corpo sem órgãos” (DELEUZE, 2007:53). O CsO transmuta a organização dos órgãos, tornando-os temporários e transitórios, indeterminados e polivalentes, como na pintura:

A pintura coloca olhos por todos os lados: na orelha, na barriga, nos pulmões (o quadro respira...). É a dupla definição da pintura: subjetivamente ela se apodera de nosso olho, que deixa de ser orgânico para se tornar órgão polivalente e transitório; objetivamente, ela põe diante de nós a realidade de um corpo, linhas e cores liberadas da representação orgânica (DELEUZE, 2007:59).

Ou na música:

a música atravessa profundamente nossos corpos e nos põe uma orelha no ventre, nos pulmões, etc. Ela é mestra em onda e nervosidade. (...) Ela livra os corpos de sua inércia, da materialidade de sua presença. Ela desencarna os corpos. (...) De certo modo a música começa onde a pintura acaba, e é isto que se quer dizer quando se fala de uma superioridade da música. Ela se instala nas linhas de fuga que atravessam os corpos, mas adquirem consistência em outros lugares... (ibidem:60).

Surpresa perante as sensações imanentes, vibráteis que percorreram e percorrem seu corpo-espírito, Nilce retoma esses episódios tentando entendê-los racionalmente, pois lhe causam perplexidade; e ela sugere algumas hipóteses, chegando à conclusão de que, por estar muito sensível, seu corpo ficou aberto para tudo e precisava fechar-se um pouco³¹. Perplexa com a intensidade do CsO virtualmente criado, ela sentia necessidade

de retomar, rapidamente, o organismo. No entanto, reconhece que essa sensação a protegeu, denominando-a também de uma sensibilidade meio enlouquecida: “objetivamente me protegia, mesmo parecendo enlouquecida [...] quantas vezes eu via, ouvia e sentia coisas que estavam acontecendo noutra sala, longe, em outro lugar”³². Uma intensidade que a acompanha até hoje, em muitos episódios³³. A plasticidade desse corpo-vibrátil, corpo-espírito, reaparece seguidamente em entre-momentos da vida de Nilce, nos quais o corpo-organismo cede lugar à imanência.

“O tempo que nós ficamos juntos é de uma intensidade tal, que é uma vida...”

Nunca mais viverei um momento tão importante como quando me dei inteira por uma causa e perdi. Como era importante salvar um companheiro da cadeia ou de um tiroteio, arriscar a vida por alguém. Tudo isso são valores que adquiri, e os transmito para todas as pessoas que passam pela minha vida.

Vera Silvia Magalhães

Vera Magalhães é a militante que participou do seqüestro do embaixador americano em 1969 e ficou conhecida pela imprensa da época como “a loira que empunhava dois revólveres”. Presa em 1970, foi banida do país e saiu numa cadeira de rodas em função das torturas sofridas, ao ser trocada pelo embaixador alemão, junto com mais 39 presos políticos. No documentário “Vera Silvia Magalhães, a história de uma guerrilheira”, produzido pela TV Câmara em 2007, Vera diz que se os militantes se equivocaram ao acreditar que derrubariam a ditadura, se a revolução comunista falhou, algo fundamental foi construído por aquela geração, um *ethos* afetivo, uma amizade que os liga até hoje. Uma militância que não se perdeu, mas transformou-se: “Hoje a minha militância é a microfísica do afeto. É a minha vida. Eu sei amar. Sei transmitir essa coisa amorosa que tenho pela humanidade. Não fui só uma comunista, fui uma humanista. Acho que esse foi o capital mais importante que herdei dessa vida toda, cheia de percalços. Depois que perdi esse grande ideal da minha vida, não consegui substituir por outro. Fui longe demais. É difícil descer à terra. Fiquei vinte anos ausente da vida profissional, dez anos de exílio, dez anos de doenças gravíssimas. Me sinto estrangeira. Eu sou estrangeira no Brasil. Eu sou estrangeira em Paris. Eu sou

estrangeira porque não quero privilegiar o ‘mínimo eu’, o egoísmo. Eu sou estrangeira porque tem muito pouca gente pensando no outro”³⁴.

A intensidade do que Vera e muitas outras militantes viveram não desapareceu. Permanece muito atual em todos os depoimentos. Para Vera, esse foi o “capital mais importante” que herdou. Para Nilce, esse vivido, a troca com aqueles que partilharam com ela a amizade e o desejo de transformar o mundo, a intensidade e a duração do que viveram na década de 70 equivale à duração de “uma vida”: “Nossa, a densidade de acontecimentos nessa época é tanta que não consigo colocar tudo que fiz naqueles anos. Parecem-me muitos anos... foram poucos, no relógio... tudo fica amalgamado nesse momento”³⁵. Quanto tempo se fica no pau-de-arara? Uma hora, duas, três? Nas celas do DOPS ou da OBAN? A intensidade desse tempo pode ser medida em dias e horas? Para Nilce, não: “O tempo que nós ficamos juntos é de uma intensidade tal, que é uma vida, né... Quanto dura? Não sei... Quanto se fica no pau-de-arara? Não sei, até perder toda a circulação... mas é muito tempo, porque a duração e a intensidade não têm a ver com a hora relógio... é de outro tempo que se fala... é um tempo que se mede em intensidade... e isso nós vivemos muito... Delsy e eu, Sobrosa... [...] é indescritível, é como se eu tivesse vivido toda a vida com eles... é muito intenso, é muito significativo”³⁶.

O tempo na tortura, assim como o tempo que passou com Delsy e Sobrosa – Diógenes Sobrosa de Souza, militante da VPR, um dos “cuidadores” de Nilce, que ela e Delsy conheceram no DOPS/RS – é “um tempo que se mede em intensidade”, diz Nilce. Tempo não é um dado objetivo, como sustentava Newton, nem uma estrutura *a priori* do espírito, como queria Kant. Tomado como um símbolo social, Norbert Elias mostra-nos como o tempo ao qual nos referimos comumente é resultado de um longo processo de aprendizagem – parte fundamental de um processo civilizador³⁷. Tempo que não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor (ELIAS, 1998) não pode ser medido pelos relógios ou calendários da história. Tempo intensivo, que nos remete a uma multiplicidade temporal, não como linha (linear), “mas como emaranhado, não como rio, mas como terra, não fluxo, e sim massa, não sucessão, porém coexistência, não um círculo, mas turbilhão, não ordem, e sim variação infinita” (PELBART, 2000:09-1). Tempo topológico, paradoxal, concebido fora de qualquer teleologia.

Teleologia que não habita a duração – a experiência vivida –, pois ela não tem a ver com a hora do relógio, como diz Nilce. Deleuze, no livro sobre Bergson, diz que “a

duração não é somente experiência vivida; é também experiência ampliada, e mesmo ultrapassada; ela já é condição da experiência” (DELEUZE, 1999:27). Experiência intensiva que faz com que Nilce sinta que viveu “uma vida” com Delsy e Sobrosa. Duração que se atualiza constantemente na vida de Nilce. Bergson pensa a “duração” como passagem, mudança, multiplicidade contínua, pois divide-se constantemente. Multiplicidade não numérica que mergulha numa dimensão puramente temporal: “ela vai do virtual a sua atualização: ela se atualiza, criando linhas de diferenciação” (ibidem:33).

Nilce percebe a atualização da duração em sua vida através das lembranças fluidas, que surgem ao sabor de suas emoções e sensações. Diz isso quando pergunto sobre um episódio ocorrido durante sua vida na clandestinidade – o mês ou ano de seu primeiro casamento, no final dos anos sessenta –, episódio em relação ao qual ela dispense um grande esforço para lembrar: “Estou molhada de suor. Penso que hoje me dou conta que nossas lembranças fazem parte de uma memória um tanto fluida, que se movem conforme nossas emoções, que se dobram umas sobre as outras e, de repente, aparecem flashes, aspectos de outras emoções, sensações, mais do que fatos. O que fica são essas sensações. Por isso, penso, as datas não têm o significado de folhinha. A folhinha de nossa vida não teria seqüência como essas que usamos. Haveria um vai e vem, uma superposição, dias que seriam marcados em segundos e segundos que seriam marcados em séculos...”.

“Eu te dei uma folhinha do Zaffari... Para dar o exemplo do que não existe em nosso emocional, simplesmente porque não há essa divisão nas ondas. Nós dividimos as ondas em comprimentos de ondas para poder estudá-las. Assim como inventamos o tempo para não enlouquecer...”³⁸. A folhinha do Zaffari – uma conhecida rede comercial da capital gaúcha – é um calendário que ela me deu de presente em uma de minhas viagens a Porto Alegre. Ali, os dias e meses são agrupados para dar sentido e utilidade ao tempo, numa ordem linear e objetiva. Ordem que não corresponde às nossas emoções e sensações, como diz Nilce, mostrando-me como ela precisa se esforçar para buscar uma lembrança que lhe foge – a lembrança do primeiro casamento. A busca de uma lembrança que escapa é utilizada por Deleuze para citar um trecho que, de acordo com ele, resume a teoria de Bergson:

quando buscamos uma lembrança que nos escapa, temos consciência de um ato sui generis, pelo qual nos destacamos do presente para nos

colocarmos, inicialmente, no passado em geral, depois em certa região do passado: é um trabalho tateante, análogo à preparação de um aparelho fotográfico. Mas nossa lembrança permanece ainda em estado virtual; dispomo-nos, assim, a simplesmente recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco, ela aparece como uma nebulosidade que viria a condensar-se; de virtual, ela passa ao estado atual (DELEUZE, 1999:43).

Nilce conseguiu atualizar a lembrança que eu solicitava, mas essa lembrança não lhe era fundamental como foram os dias que viveu com Delsy. Dias que são constantemente atualizados e recriados por ela, de duração tão intensa que, passados mais de trinta anos, com Delsy morando em Belo Horizonte e Nilce em Porto Alegre, ambas permanecem empenhadas com o mundo.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. “A imanência absoluta”. Em: Eric Alliez (org.). Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed.34, 2000.
- _____. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- ARENDDT, Hannah. Homens em tempos sombrios. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. Brasília: Editora da UnB, 1991.
- DELEUZE, Gilles. Francis Bacon Lógica da Sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. Conversações. São Paulo: Editora 34, 2006.
- _____. Bergsonismo. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. “A imanência: uma vida”. In: Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência. Organização de Jorge Vasconcellos e Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso. Londrina: Ed. da UEL, 1997a.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.
- DERRIDA, Jacques. Políticas da amizade. Porto: Campo das Letras, 2003.
- ELIAS, Norbert. Sobre o Tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. Dits et écrits, vol. IV. Paris: Gallimar, 1994.
- _____. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 2002.
- IONTA, Marilda. As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Campinas (mimeo), 2004.

- MONTAIGNE. Da amizade. Em: Coleção 'Os Pensadores'. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- RAGO, Margareth. Feminizar é preciso, ou por uma cultura filógena. Revista do SEADE, São Paulo, 2002.
- RAGO, Margareth. Entre a história e a liberdade: Luci Fabri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: Unesp, 2001.
- _____. Feminizar é preciso, ou por uma cultura filógena. Revista do SEADE, São Paulo, 2002.
- ROSA, Susel Oliveira. Entre o silêncio e as palavras: trajetos possíveis quando a realidade passa dos limites. Revista Labrys, v.1, n.14, 2009. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys14/textos/susel.htm>

Susel Oliveira da Rosa, Unicamp

E-mail: susel.oliveira@gmail.com

¹ O DOPS foi criado durante o Estado Novo para vigiar e reprimir aqueles que não concordavam com a ditadura de Vargas. Durante a ditadura militar, as subdivisões estaduais ocuparam papel central na perseguição, prisão, tortura e “desaparecimento” de muitos militantes dos grupos de esquerda. Alguns delegados do órgão, como Sérgio Paranhos Fleury – também ligado ao Esquadrão da Morte –, em São Paulo, e Pedro Seelig, em Porto Alegre, são conhecidos pelas inúmeras denúncias de militantes. O DOPS foi extinto oficialmente na primeira metade da década de 1980.

² Temas que abordo mais detalhadamente no artigo: “Entre o silêncio e as palavras: trajetos possíveis quando a realidade passa dos limites”, publicado na Revista de Estudos Feministas Labrys, n.14 e disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys14/textos/susel.htm>.

³ A Operação Bandeirantes, financiada por grandes empresários e banqueiros, foi criada em 1969 sob a direção do Exército, reunindo militares e policiais na cidade de São Paulo. Funcionou como um centro de perseguições, torturas e assassinatos de militantes e foi central na desarticulação dos grupos de esquerda. Em 1970, a experiência espalhou-se pelos outros estados do país, quando foram criados os DOI-CODI (Departamento de Operações de Informações – Centro de Operação de Defesa Interna). Para saber mais sobre a repressão na época, pode-se consultar: www.desaparecidospoliticos.org.br, www.torturanuncamais-rj.org.br, www.gedm.ifcs.ufRJ.br.

⁴ Deleuze (1997:158) não deixa de lembrar também dos signos “ambíguos ou flutuantes”, oriundos de uma afecção que ao mesmo tempo nos dá alegria e tristeza, aumenta e diminui a nossa potência.

⁵ ‘Vida nua’ é uma expressão retomada por Giorgio Agamben, pela qual ele designa a vida matável e insacrável do *homo sacer*, a vida que foi colocada fora da jurisdição humana; seu exemplo supremo é a vida no campo de concentração (AGAMBEN, 2004). Estando fora da jurisdição, a ‘vida nua’ pode ser exterminada sem que se cometa qualquer crime ou sacrifício.

⁶ Na contramão das “filosofias do sujeito”, o conceito de imanência – bem como o de “plano de imanência” –, em Deleuze, remete à idéia de que a vida não depende de uma causa externa, transcendente (no sentido de transcendência, enquanto princípio ou causa externa). A potência criativa da vida está contida nela mesma, como possibilidade, potencialidade e multiplicidade. Nesse sentido, Deleuze afirma que o conceito de “uma vida...” seria a “imanência absoluta”.

⁷ A expressão “uma vida...” foi utilizada por Gilles Deleuze num pequeno texto publicado dois meses antes de sua morte, chamado “A imanência: uma vida...” (1997a). Nele, Deleuze fala do momento em que a vida do indivíduo cede lugar a uma vida impessoal, singular, liberta tanto da subjetividade quanto da

objetividade do que acontece. Entre a vida e a morte, diz Deleuze, “há um momento em que não é mais o de *uma* vida que brinca com a morte” (1997a).

⁸ Nilce Cardoso. Entrevista à autora gravada em 30/10/2007.

⁹ Depoimento eletrônico recebido em 11/07/2008.

¹⁰ O Ato Institucional número 5 foi o quinto de uma série de decretos-lei instituídos pelos generais-presidentes durante a ditadura militar. Através desses decretos, a ditadura mascarava o terrorismo de estado, legitimando as cassações, o fechamento do congresso, as perseguições e, mesmo, os assassinatos de militantes. O AI-5 – decretado em dezembro de 1968 – é considerado um dos mais duros, pois instituiu plenos poderes ao presidente da república, suspendeu o *habeas corpus* e estendeu a censura prévia à imprensa, ao teatro, ao cinema, à música. Como complemento do AI-5, entre outros, foi decretado o AI-14, que instituiu a pena de morte e a prisão perpétua em casos de “guerra revolucionária subversiva”. O texto integral do AI-5 pode ser encontrado no site: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=194620>.

¹¹ Delsy Gonçalves de Paula. Depoimento eletrônico recebido em 17/08/2008.

¹² Delsy Gonçalves de Paula. Depoimento eletrônico recebido em 08/07/2008.

¹³ Nilce Cardoso. Entrevista à autora gravada em 11/12/2007.

¹⁴ Depoimento eletrônico, recebido em 15/07/08.

¹⁵ Delsy Gonçalves de Paula. Depoimento eletrônico, recebido em 17/07/2008.

¹⁶ Delsy Gonçalves de Paula. Depoimento eletrônico, recebido em 15/07/2008.

¹⁷ Delsy Gonçalves de Paula. Depoimento eletrônico, recebido em 15/07/2008.

¹⁸ O CENIMAR – Centro de Informações da Marinha – foi criado em 1957 e compôs o aparato repressivo da ditadura militar. Dentre suas atribuições constam investigações, prisões e torturas de militantes de esquerda, especialmente dos militantes da “Ação Popular”. Nomes e relatos de algumas das vítimas do CENIMAR podem ser encontrados no relatório do *Projeto Brasil Nunca Mais*, produzido pela Arquidiocese de São Paulo e também no *Dossiê Ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil 1964-1985*.

¹⁹ Escrevendo sobre a tortura medieval e a tortura moderna, Foucault (2002:36-37) diz que a tortura tem algo de inquerito, mas também de ‘duelo’. Nesse duelo, o torturador quer arrancar de sua vítima a palavra que ele quer ouvir, e não a que o outro tem a dizer. “Duelo” foi estabelecido inúmeras vezes durante o tempo que Nilce foi submetida às torturas, como no caso do “encontro com o diabo”, que narro no artigo “Entre o silêncio e as palavras: trajetórias possíveis quando a realidade passa dos limites” (disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys14/textos/susel.htm>).

²⁰ No DOPS/RS, Nilce “teve o osso do tórax quebrado, perdeu aproximadamente quinze quilos, seu útero foi queimado, e mesmo assim, as sessões de tortura continuavam. E ela permanecia em silêncio. As palavras dos policiais se misturavam aos sons da invasão interna, ininterrupta, dos órgãos que iam sendo dilacerados: pele, estômago, rins. Um fio tênue ligava Nilce à vida, quando seu corpo-testemunha deixou de reagir aos estímulos externos, desconectando a ‘consciência’. ‘Eles chamaram o médico de novo. O médico enfiou agulha em tudo quanto era lugar para poder ver se eu ainda estava viva. Porque, como eu não gritava, não falava nada, eles não sabiam se eu estava viva (...) o médico dizia: ‘Não, ela agüenta, ela agüenta’. E aí nessa hora alguém disse: ‘Não, ela está morta’ [...] Em estado de ‘coma’ foi levada às pressas do Palácio da Polícia para um hospital. O limiar entre a vida e a morte fora atingido. Contudo, a ‘quase-morte’, no momento, era a possibilidade de vida que lhe restava, ‘eles tentaram ir até o meu limite, mas eu entrei em coma antes’. O coma potencializou a vida” (ROSA, 2009).

²¹ Nilce Azevedo Cardoso. Entrevista à autora, gravada em 11/12/2007.

²² Digo que “novamente subverte o jogo dos torturadores” pois, em episódios anteriores, ela age da mesma forma, estabelecendo o “combate-entre”, subvertendo as ameaças dos torturadores a partir das situações que eles próprios criavam.

²³ Delsy Gonçalves de Paula. Depoimento eletrônico recebido em 22/07/2008.

²⁴ Delsy Gonçalves de Paula. Depoimento eletrônico recebido em 22/07/2008. Antes de ser deslocada do DOPS/RS, em Porto Alegre, para a OBAN em São Paulo, os médicos e enfermeiros do DOPS – que

compunham a gama dos “facilitadores de atrocidades” durante a ditadura – fizeram com que Nilce ingerisse muitos remédios, provavelmente psicotrópicos de ação estimulante e perturbadora. Essa medicação foi retirada bruscamente, causando alucinações, análogas a uma crise de abstinência. Eram esses os remédios que Delsy a aconselhava a não tomar mais.

²⁵ Delsy Golçalves de Paula. Depoimento eletrônico recebido em 22/07/2008.

²⁶ Nilce Azevedo Cardoso. Entrevista à autora em 06/01/2009.

²⁷ Nilce Azevedo Cardoso. Entrevista à autora gravada em 06/01/2009.

²⁸ Nilce Azevedo Cardoso. Entrevista à autora gravada em 06/01/2009.

²⁹ Nilce Azevedo Cardoso. Entrevista à autora gravada em 06/01/2009.

³⁰ Nilce Azevedo Cardoso. Entrevista à autora gravada em 06/01/2009.

³¹ Entrevista à autora gravada em 06/01/2009.

³² Entrevista à autora gravada em 29/04/2008.

³³ Sensações como essas não são estranhas na vida de Nilce. Seguidamente seu organismo cede lugar a um CsO, os episódios são muitos e atualmente envolvem seus afetos, pessoas que aumentam sua potência.

³⁴ “Guerrilha pela justiça”. *Correio Brasiliense*, 04/05/2002. Disponível em: http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020504/pri_bra_040502.htm, acesso em 10/05/2009.

³⁵ Correspondência eletrônica recebida em 26/01/2009.

³⁶ Entrevista à autora gravada em 17/07/2008.

³⁷ Para Elias (1998), o tempo é uma categoria socialmente construída que, ao ser internalizada pelo indivíduo, compõe sua forma de apreender o real, sendo, então, percebida como evidente e natural, desconsiderando o ‘processo histórico’ que a tornou possível. E é essa internalização do tempo como um fluxo contínuo e irreversível que faz parte do ‘processo civilizador’ – através dele o sujeito estabelece para si os limites impostos pela sociedade, utilizando-se da auto-disciplina e do auto-controle.

³⁸ Correspondência eletrônica recebida em 26/01/2009.